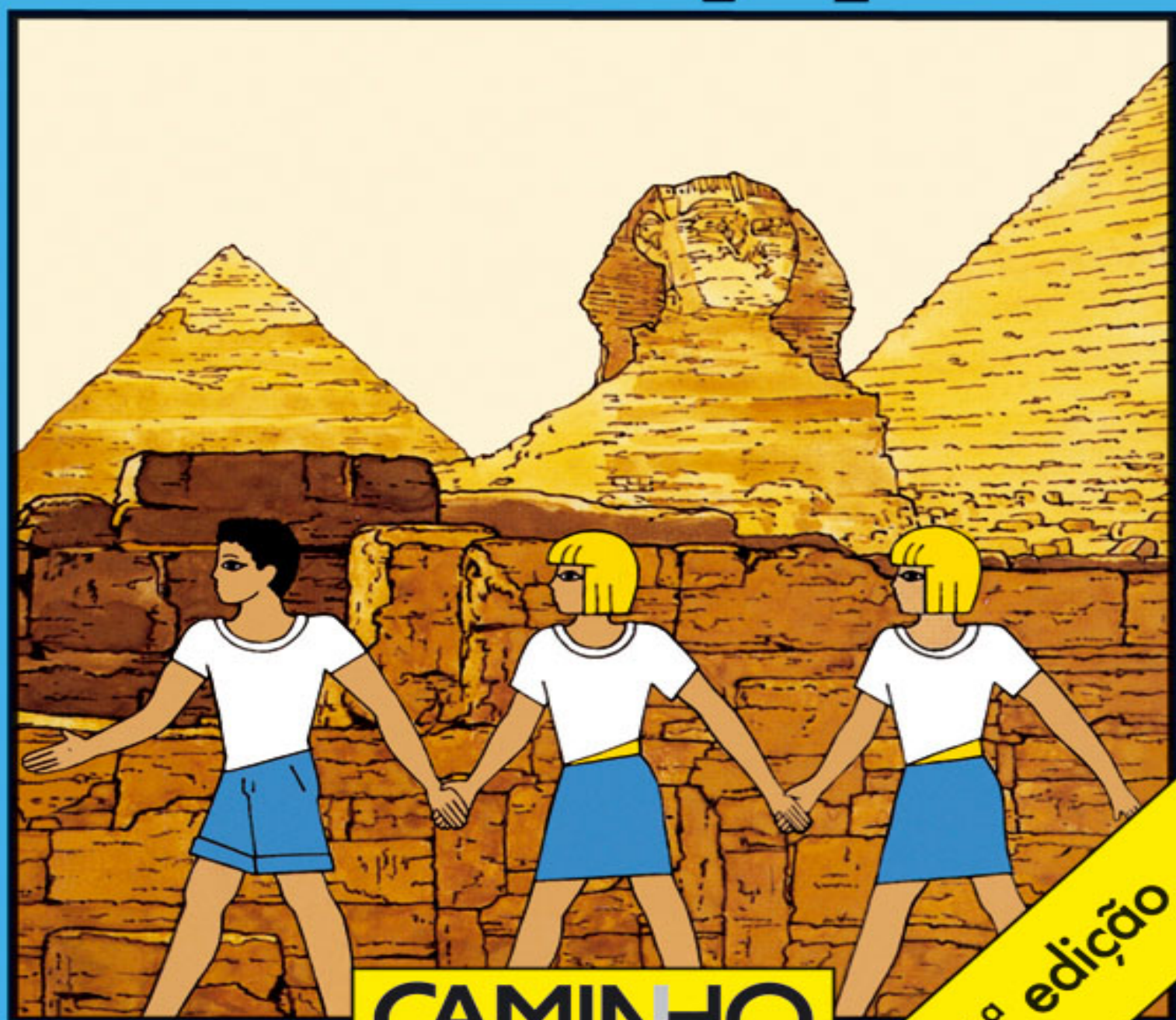


# Uma aventura

Ana Maria Maqalhães  
Isabel Alçada

Ilustrações de  
Arlindo Faundes

# no Egipto



**CAMINHO**

4.ª edição

### ***Ficha Técnica***

*Título: Uma Aventura no Egipto*  
*Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada*  
*© Editorial Caminho - 1999*

*Ilustrações: Arlindo Fagundes*  
*Capa: arranjo gráfico de Jorge Esteves sobre ilustrações de Arlindo Fagundes*  
*Artes finais da parte histórica: Jorge Esteves*  
*Revisão científica: Luís Manuel de Araújo*  
*ISBN 9789722122832*

*Editorial Caminho, SA*  
*Uma editora do grupo Leya*  
*Rua Cidade de Córdoba, n. 2*  
*2610-038 Alfragide - Portugal*

[www.caminho.leya.com](http://www.caminho.leya.com)

*Aos queridíssimos Bernardo, Inês, Gonçalo, Tomás e  
Ana Luísa Teodoro*

*Ao grande egiptólogo  
Professor Luís Manuel de Araújo,  
os nossos maiores agradecimentos  
pelo apoio que deu a este trabalho*

# Capítulo 1

## Pirâmides à vista

— Pirâmides à vista!

A exclamação do Chico cortou o silêncio adormecido que reinava a bordo do avião e pôs toda a gente em alvoroço, incluindo os estrangeiros alertados pelo entusiasmo da voz. Quem ia à janela colou a cabeça ao vidro, os outros reclamaram e agitaram-se nas cadeiras tentando espreitar a terra apetecida. Lá em baixo, no imenso deserto atravessado pelo rio Nilo, estendia-se uma cidade enormíssima, e de facto lá estavam as três famosas pirâmides com que os passageiros sonhavam desde o início da viagem.

— Que maravilha!

— Chega-te para lá, deixa-me ver melhor...

Nesse momento acenderam-se as luzinhas que significam «ordem para apertar o cinto». Todos obedeceram satisfeitiíssimos por julgarem que iam aterrar, mas o avião, em vez de descer, subiu outra vez para o meio das nuvens.

— O que é que se passa? — perguntaram as pessoas em várias línguas. — Algum problema?

Felizmente não havia problema nenhum, só tinham que esperar vez.

— A esta hora, o tráfego aéreo é muito intenso — explicou o piloto através dos microfones —, temos que dar mais umas voltas até a pista ficar livre.

Chico remexeu-se, João suspirou, as gémeas mostraram-se impacientes, mas não foram só eles. Outros rapazes e raparigas também se sacudiam e reclamavam, fartos de

estarem sentados. Receando que tanta impaciência resultasse em asneira, o guia que os acompanhava levantou-se e ergueu um braço. Era óbvio que pretendia apenas dar um recado ao seu grupo, mas a figura atlética e a camisola larga com imagens de uma caçada à raposa atraíram a atenção geral.

— MOVE — disse ele e repetiu olhando ora para a direita ora para a esquerda —, MOVE...

— Que diabo é isso? — perguntou uma senhora. — Resolveu cantar para nos entreter?

O guia soltou uma gargalhada bem-disposta e esclareceu:

— Eu trabalho para uma organização internacional que oferece visitas de estudo. MOVE significa Movimento para Olhar a Verdade do Egipto e surgiu porque os sócios, quase todos historiadores e cientistas, consideram que não basta o que está nos livros e o que se aprende na escola para compreender uma civilização tão rica. Como a sede é em Bruxelas, começaram por seleccionar estudantes da Europa, mas pensam alargar a experiência a outros continentes.

Suspendeu a frase e apontou as gémeas.

— Estas duas, por exemplo, fazem parte da equipa portuguesa. Lá atrás está o grupo que veio da Suécia, ao pé da asa sentaram-se os espanhóis...

E continuou as apresentações sempre com um sorriso agradável, repetindo cada frase em inglês e francês. A assistência escutava-o interessada e aprovadora.

«Este tipo tem imenso jeito para guia» pensou o Pedro. «Sabe agradar, sabe entreter, fala uma quantidade de línguas, é impecável!»

Chico também o observava mas por motivos diferentes. Ficara impressionado desde o primeiro minuto com a envergadura física daquele indivíduo e tentava imaginar que género de desportos teria praticado para adquirir uma largura de ombros assim.

«Com ele ninguém se mete porque em caso de pancadaria deve ser imbatível», pensou com uma certa

dose de inveja, prometendo a si próprio continuar a apostar nos músculos.

Quanto ao João, pouco ou nada ouvira da conversa porque sempre que tinha o guia diante dos olhos ficava fascinado pela camisola. Nunca vira cenas de caça estampadas em pano e não se cansava de observar os pormenores, os cavalos, os caçadores e sobretudo a enorme matilha de cães que corria de focinho espetado e orelhas arrebitadas. Lembravam-lhe o *Faial*, que não tivera direito a visita de estudo.

Para se distrair das saudades, concentrou-se no desenho a ver se descobria a raposa e pareceu-lhe que ia a fugir por trás das árvores e arbustos que o artista pintara na manga.

«Que camisola tão gira! Adorava ter uma igual!»

Os rapazes só voltaram a prestar atenção ao guia quando ele exibiu um maço de envelopes fechados e perguntou aos passageiros que não pertenciam ao grupo:

— Sabem por que é que eu estava a chamar as equipas MOVE?

— Não fazemos a mínima ideia — responderam-lhe uns por palavras e outros por acenos de cabeça.

— Porque o sítio para onde vão é surpresa. Cada equipa tem um destino diferente e as instruções estão nestes envelopes. Tínhamos combinado abri-los quando aterrássemos no Cairo, mas já que fomos obrigados a um compasso de espera, parece-me oportuno tratar do assunto agora. Querem?

A resposta foi uma gritaria em que se misturaram todas as maneiras possíveis de dizer sim. Cabeças loiras e morenas espetaram-se um pouco por todo o avião e os adultos, que nada tinham a ver com o assunto, também ficaram curiosos.

— Então vamos lá. Começamos por este.

Pegou num envelope azul que dizia «CAIRO», abriu-o e leu a mensagem de forma muito expressiva, tendo o cuidado de lhe acrescentar pormenores que aguçaram o apetite.

— Aqui, na cidade do Cairo, junto às misteriosas pirâmides feitas com blocos de pedra tão pesados que ainda ninguém percebe como foi possível construí-las num tempo em que não havia máquinas nem guindastes... e ao lado da esfinge, a famosa estátua com corpo de leão e cabeça de gente que já tem séculos e se diz que vai durar até os homens descobrirem todos os enigmas da vida... fica... fica... a equipa francesa!

Conforme seria de esperar, rebentou logo grande algazarra entre as três raparigas e os dois rapazes que agitaram no ar uma pequena bandeira da França. Os adultos com a mesma nacionalidade bateram palmas.

— Claro que os outros não têm razão para ficar tristes. O Egipto é uma terra fabulosa e há tantos sítios de pasmar que a dificuldade está na escolha. Ora vamos lá a ver...

Exibiu de novo o molho de envelopes coloridos como se fosse um baralho de cartas mas arrependeu-se e guardou-o no bolso.

— Esperem lá. Para perceberem bem a sorte que têm e as maravilhas que vos esperam, vou distribuir uns mapas.

— Se houver sobras, dê-me também a mim — pediu a senhora que falara em primeiro lugar.

— Com certeza, com certeza. Venho sempre prevenido...

Distribuiu os mapas, aguardou uns segundos para que todos estivessem aptos a seguir o que ele ia dizer e só então recomeçou:

— Quando desembarcarmos, separamo-nos. Cada equipa será entregue a um guia egípcio e seguem em aviões da Egyptair, não só para locais diferentes mas também para actividades diferentes.

Fez uma pausa breve, como quem hesita, depois pronunciou um nome que eles nunca tinham ouvido:

— Abu Simbel... Abu Simbel... Estão a ver no mapa?

— Sim!

— É lá que existe o grande templo do faraó Ramsés II, com as suas estátuas gigantes dispostas de maneira a

captar os raios do pôr-do-Sol duas vezes por ano... e também é lá que se instalou um americano, realizador de cinema. Vai fazer um filme sobre a primeira mulher deste faraó, a Nefertari, que ficou famosa pela sua beleza. Ele precisa de jovens para representarem o papel de filhos. Ramsés II teve cerca de cento e sessenta filhos de várias mulheres, portanto são necessários imensos figurantes.

A informação deixou-os em pulgas!

— Quem é que vai para Abu Simbel? — perguntou alguém.

— Já veremos daqui a nada — disse o guia, que estava a achar piada manter o suspense. — Ora procurem aí no rio Nilo a ilha Elefantina...

— Tem elefantes?

— Não. O nome deve-se à forma das rochas cinzentas que lembram o corpanzil desses paquidermes. Nos próximos dias começam campeonatos de *windsurf* e de vela à volta da ilha Elefantina e os prémios, em vez de taças, são pequenos elefantes de ouro, prata e bronze. Formidável, hã? Mas há outros destinos tão bons ou melhores do que este.

— Quais?

— O Vale dos Reis e o Vale das Rainhas, em pleno deserto. Foi lá que há muitos anos se descobriram túmulos com múmias de faraós, das mulheres, dos filhos. Túmulos que tinham sido construídos por dentro das rochas, umas construções enormes e complicadíssimas cheias de corredores, escadarias, salas, compartimentos pequenos e grandes, todos subterrâneos, com as paredes cobertas de pinturas e bem recheados de tesouros!

Fez nova pausa de segundos e prosseguiu:

— As escavações têm continuado sempre. Agora está no Vale das Rainhas uma equipa de arqueólogos que obteve resultados sensacionais. Encontraram a porta oculta de mais um túmulo que ninguém sabia que existia e já conseguiram penetrar no primeiro corredor. As paredes estão cobertas de símbolos escritos e a pessoa encarregada



de decifrar o texto, por aquilo que já leu, pensa que se trata do túmulo de um príncipe, de um filho de faraó. Mas diz-se que anda assustada porque a continuação do texto é inquietante...

Rebolou os olhos nas órbitas para dar mais impacto ao que ia dizer e depois concluiu em tom de confiança:

— Parece que se trata de uma maldição, uma ameaça de morte para quem se atrever a entrar, para quem se atrever a violar o túmulo do príncipe...

As pessoas que iam no avião até se tinham esquecido de onde estavam. Fascinadas pelo relato, agora é que se sentiam mesmo nas nuvens!

— Ora as maldições dos faraós têm uma longa história. Querem que lhes conte?

Pergunta inútil, pois não queriam outra coisa.

— Há muitos anos, dois ingleses que pesquisavam no Vale dos Reis acharam o túmulo do faraó Tutankhamon. As portas estavam seladas. Segundo velhas tradições que passaram de boca em boca, era perigosíssimo lá dentro porque o faraó e os seus sacerdotes tinham lançado uma maldição. Quem se atrevesse a perturbar a múmia, morreria... <sup>(1)</sup>

— E eles entraram?

— Sim. Rebutaram os selos e deram início às escavações. Chamaram trabalhadores egípcios, compraram pás, picaretas, e lá se foram enfiando pelos corredores subterrâneos à procura da câmara onde estava a múmia. Cada vez que entravam numa sala, ficavam sem respiração porque em quase todas havia tesouros fantásticos. Mas nunca mais encontravam a múmia. Agora imaginem aquela gente toda debaixo da terra a respirar poeira das escavações, com o coração aos saltos, em ânsias para ver que riquezas iam encontrar quando conseguissem forçar a entrada no compartimento seguinte... Mas um dia, quando menos esperavam, aconteceu uma coisa que pôs as pessoas em alvoroço. Uma cobra que ninguém percebeu de

onde vinha irrompeu no acampamento, lançou-se sobre o canário que pertencia aos ingleses e devorou-o. Houve logo quem dissesse tratar-se de um aviso, porque a cobra era um dos símbolos que os faraós usavam na coroa <sup>(2)</sup>).

E os jornais fartaram-se de publicar notícias sobre o assunto, apresentavam a morte do canário como ameaça de além-túmulo, sinal de que haveria mais mortes.

— E houve?

— Sim. Houve. Um dos ingleses foi picado por um mosquito venenoso e morreu antes de ter atingido a sala da múmia. Pouco depois morreu um dos assistentes. Embora os médicos dessem as suas explicações, não faltou quem garantisse ser vingança do morto.

— E os outros arqueólogos não ficaram com medo?

— Não. Eles são cientistas, não acreditam em fantasias. Disseram que cobras há muitas e sempre comeram pássaros. Quanto ao inglês e ao seu assistente, acharam que tinham morrido porque tinham que morrer. Chegara a hora deles... O outro inglês, aliás, viveu mais uma data de anos, sempre de perfeita saúde.

— Então por que é que a pessoa encarregada de decifrar as inscrições desse túmulo que descobriram agora no Vale das Rainhas anda assustada?

O guia riu-se:

— O melhor é perguntarem-lhe pessoalmente.

— Então diga-nos quem vai para o Vale das Rainhas.

— Sim, por favor — pediu a Teresa.

— Está bem, está bem, pronto! Abro já três envelopes para ficarem a saber quem se estreia no cinema, quem experimentará actividades aquáticas e quem vai aprender a escavar, decifrando maldições na pista do tesouro...

Não pôde cumprir o prometido porque o avião começou a perder altura e a hospedeira ordenou-lhe que se sentasse.

— Senhores passageiros, dentro de momentos aterramos no aeroporto do Cairo.

## Capítulo 2

### A raparigadourada

A distribuição das equipas acabou por ser bastante atabalhoada porque o aeroporto fervilhava de passageiros, uns a chegar, outros a partir, e havia excursões e mais excursões, gente nova, gente velha, gente de todas as partes do mundo, malas, sacos, pacotes, grande balbúrdia! Foi um sarilho para encontrar os guias egípcios dispersos pelas várias salas de embarque. Enquanto uns grupos esperavam aqui, outros corriam para acolá, mal tiveram tempo de se despedir, mas enfim, lá foram partindo.

— Só faltam os portugueses — suspirou o responsável com ar cansado. Consultou a papelada e depois chamou-os. — Venham comigo. Vou levá-los à sala de embarque número 14.

Acelerou o passo e abriu caminho por entre a multidão. As gémeas quase se lhe colaram aos calcanhares e os rapazes também foram atrás, a resmungar.

— No meio de tanta correria e de tanta barafunda ainda não percebi o que nos calhou.

— Nem eu. Ó Teresa, vê se lhe perguntas...

— Faz favor — insistiram as gémeas pela milionésima vez.

— Olhe... afinal para onde é que nos manda?

— Vocês vão para o Lagarto — respondeu ele sem se voltar e sem abrandar o passo.

— Para o Lagarto? — repetiram num coro atónito. — Que Lagarto?

Visivelmente ansioso por se ver livre deles e dar por terminada a missão, avançou ainda mais depressa,

limitando-se a prometer:

— Eu já explico. A porta 14 é ali adiante, logo que chegemos explico tudo.

Naquela zona do aeroporto não havia tanta gente. Paredes de vidro separavam compartimentos cheios de cadeiras todas iguais e em fila para as pessoas aguardarem ordem de embarque. A sala 14 ficava ao fundo do corredor. Estava quase vazia e lá dentro, em pé, na atitude normal de quem espera, um homem novo, moreno, de bigode e uma rapariga que devia ter mais ou menos a idade das gémeas.

O responsável do MOVE ficou satisfeitiíssimo quando os viu e acenou-lhes de longe.

— Ora ali têm os vossos companheiros de viagem.

— Mas de viagem para aonde? — perguntou o Chico num impulso de irritação.

— Calma, pá! Vocês estão cheios de sorte, seguem para o Vale das Rainhas.

As gémeas abraçaram-se logo todas contentes mas o Pedro, receando que elas estivessem a pensar em escavações e afinal fossem juntar-se a qualquer grupo que andasse pelo deserto a estudar animais, fez questão de esclarecer o assunto:

— Então por que é que nos falou em Lagarto?

— Porque é o nome do chefe dos arqueólogos. Chama-se Mike Lagarto, é americano de origem portuguesa e por isso é que o MOVE lhe pediu que vos recebesse. Como falam a mesma língua, aproveitam melhor a experiência. Aquela rapariga que está com o guia egípcio é filha do Mike. Bem bonita, hã?

Já estavam suficientemente perto para poderem confirmar que assim era. Muito elegante, de cabelos compridos e loiros, olhos enormes cor de mel, pestanas loiras também, pele macia e dourada pelo sol, um sorriso lindo, encantou os rapazes à primeira vista.

— Que miúda gira!

— Adoro «lagartixas»... — murmurou o Chico entredentes.

As gémeas acharam-na engraçada, mas o que realmente lhes interessou foi a roupa. Usava *jeans* de uma cor que elas nunca tinham visto, bege com reflexos de amarelo. A camisola era igual e os brincos também, duas pirâmides minúsculas em plástico grosso. Roupa e brincos no mesmo tom do cabelo e dos olhos formavam um conjunto fora do vulgar, uma figura de «rapariga dourada».

— Tem bom gosto — concluíram.

— E se for simpática há-de emprestar-me aqueles brincos, pelo menos uma vez.

— E os *jeans*. Somos da mesma altura, da mesma largura, portanto servem-nos.

Entraram todos na sala 14 com um sorriso de orelha a orelha.

— Eu sou o Pepi — disse o egípcio, distribuindo vigorosos apertos de mão. — Faço parte da equipa do Mike Lagarto porque estudei História e estudei línguas. Sirvo-lhe ora de apoio nas pesquisas ora de intérprete e relações públicas.

— E eu sou a Ísis — disse a rapariga, cumprimentando-os de maneira franca, simpática, com aquela expressão de quem sabe que é bonita e está habituada a ver-se ao espelho de frente e de perfil para melhor admirar a sua própria beleza. — Pertenço à equipa porque sou filha do chefe da expedição.

Franziu-se num esgar de gatinha mimada e acrescentou:

— Mas isso se calhar vocês já sabiam. O que talvez não saibam é que a minha mãe nasceu em Coimbra.

— Ah!, sim?

— Sim. Foi para a América em pequena e por lá ficou. Hoje é uma grande especialista em escrita egípcia. Foi, aliás, por isso que conheceu o meu pai. Era aluna dele, estudava imenso e tantas vezes o procurou para esclarecer dúvidas que se apaixonaram, casaram e pronto, nasci eu! — anunciou triunfante.

Aquela alegria deixou-os perplexos. Ísis mostrava-se contentíssima porque tinha orgulho de pertencer a uma

família de cientistas? Ou estava apenas radiante por existir?

As gémeas acotovelaram-se e cochicharam discretamente:

— É um bocadinho vaidosa, não?

Enquanto conversavam, o responsável do MOVE dava instruções ao Pepi. Depois passou-lhe um *dossier*, disse que não se podia demorar porque tinha um outro compromisso urgente, fez um aceno geral e virou costas despedindo-se em inglês:

— *Bye, bye!*

A saída intempestiva do homem que os acompanhara até ali e que servia de elemento de ligação entre eles, o Pepi e a Ísis deixou-os vagamente inseguros, sem saberem de que falar. Tudo o que lhes vinha à cabeça parecia um pouco idiota, portanto ficaram calados. Felizmente Ísis encarregou-se de quebrar o gelo:

— Nunca vieram ao Egipto, pois não?

— Não.

— Que sorte! Assim vão gostar ainda mais porque tudo será surpresa. Para mim já não tem novidade. A primeira vez que os meus pais me trouxeram, eu ainda não tinha um ano. Aprendi a andar à sombra das pirâmides. Depois olhem, nas férias já sei o que me espera. Os meus amigos vão para o campo, eu venho para o deserto. Quando era pequena, as minhas amigas brincavam com bonecas, eu brincava com estatuetas de faraós e bocadinhos de papiro. Agora elas têm namorados e eu vejo múmias...

A maneira como falava voltou a deixá-los na dúvida. E os olhares que lançou aos rapazes também não foram muito claros. Estaria especialmente interessada num deles? Ou tencionava fazer-se engraçadinha para os três?

Essas dúvidas em nada diminuía o entusiasmo pela viagem, de certo modo até a tornava mais excitante.

— Deram-lhes o programa que preparámos para vos receber? — perguntou Pepi.

— Não. Só sabemos que vamos para o Vale das Rainhas.

— Pois é. Mas antes fazemos um minicruzeiro no rio Nilo.

Ao contrário do que Pepi esperava, nenhum deles se mostrou entusiasmado com a ideia. Estavam demasiado ansiosos por meter o nariz nas escavações, não lhes apetecia passear de barco.

— Vocês enjoam? — perguntou Ísis, julgando ser esse o motivo das caras desgostosas.

— Não!

— Nesse caso, animem-se, porque tenho a certeza de que vão adorar. Já desci no Nilo mil vezes e nunca me canso, é sempre divertidíssimo.

Não dizia mentira nenhuma, mas a gabarolice subentendida nas palavras reforçava as desconfianças. Aquele encontro seria o início de uma nova amizade? Ou não tardaria que se detestassem?

Pepi sentiu que o silêncio se tornava interrogativo e ligeiramente embaraçoso. Para aliviar a atmosfera, meteu-se na conversa:

— Têm mapas, não é verdade? Então vejam aí o percurso que vamos seguir. Voamos para Abu Simbel e lá tomamos um barco estupendo onde há salas de jogos, camarotes com duas e três camas...

— Porquê? Dormimos a bordo?

— Sim. Passamos três noites. O barco vai parando pelo caminho nos sítios mais bonitos para os passageiros visitarem o que lhes apetecer. Há festas a bordo, conhecem-se pessoas estranhas, acontecem coisas inesperadas, porque o Nilo é um rio mágico, sabem? Ninguém fica igual depois de ter navegado no Nilo.

Ísis acenou que sim sorrindo com ar sonhador. Encostada ao vidro, com o sol a bater nos cabelos loiros, parecia mais do que nunca uma «rapariga dourada».

## Capítulo 3

### As águas mágicas do Nilo

Bastou porem o pé a bordo para darem razão ao Pepi. Aquelas águas imensas, abundantes, correndo serenamente pelo deserto, tinham qualquer coisa de mágico. Talvez por reflectirem o sol sem se deixarem diminuir face ao calor escaldante. Ou por terem galgado as margens durante milénios para obrigarem a terra seca e árida a transformar-se em duas longas tiras de verdura. Ou talvez o Nilo contivesse partículas de orgulho natural por ter estado na origem de uma civilização espantosa, de tantos mistérios que demoraram séculos a decifrar e de outros tantos que ainda ninguém decifrou. Enfim, fosse qual fosse o motivo, a verdade é que ninguém escapava à atmosfera de encantamento. Sentiam-se leves, flutuantes, de espírito aberto a novas emoções.

Ísis passou a mostrar sobretudo a sua faceta simpática. Partilhava um camarote com as gémeas. Logo que se instalou abriu os sacos e pôs-lhes tudo à disposição:

— Usem o que quiserem. Vamos fazer de conta que somos três irmãs.

Elas ficaram delirantes! Assim, quando o barco parava, saíam contentíssimas para verem monumentos extraordinários. E terminada a visita, regressavam ao barco contentíssimas para remexerem em roupas e enfeites que, embora de outra maneira, também eram extraordinários. A pretexto do calor e do suor, mudavam-se a toda a hora, trocavam brincos, colares, pulseiras e atacavam os perfumes sem-cerimónia, pois Ísis tinha vários frascos e